

Marxismo e fenomenologia nos pensamentos de Paulo Freire

Lucas Boeira Michels

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, IFSC
Mestrando em Educação pela UNESC

Gildo Volpato

Professor da UNESC
Doutor em Educação pela UNISINOS

Resumo

Este artigo, procurou verificar a presença e a influência das correntes filosóficas Marxismo e Fenomenologia em pensamentos do educador Paulo Freire. Neste estudo pôde-se refletir e compreender melhor essas correntes filosóficas e identificar como elas influenciaram o autor na elaboração dos conceitos sobre humanismo e educação. Na Fenomenologia a influência maior está na relação entre mundo/sujeito/coisas, e a busca pela cientificidade da filosofia, afirmando que essa ciência seria capaz de dar as respostas e definitivas aos problemas do conhecimento. No Marxismo encontra fundamento para revelar o antagonismo presente na sociedade capitalista, autora de parte dos problemas sociais do mundo.

Palavras-chave: Paulo Freire; Fenomenologia; Marxismo.

Resumen

En este artículo se intenta verificar la presencia y la influencia de la filosofía del marxismo y la fenomenología en el pensamiento del educador Paulo Freire. En este estudio se podría reflejar y comprender mejor estos filosófica e identificar la forma en que influyeron en el autor en la elaboración de los conceptos del humanismo y la educación. La fenomenología es una mayor influencia sobre la relación entre el mundo/sujeto/cosas, y la búsqueda de la filosofía científica, con el argumento de que la ciencia sería capaz de dar respuestas definitivas y los problemas del conocimiento. El marxismo se encuentra en la revelación de la base de este antagonismo en la sociedad capitalista.

Palabras-clave: Paulo Freire; la fenomenología; el marxismo.

Durante a idade contemporânea, iniciada a partir da Revolução Francesa em 1789 até os dias atuais, diversos conflitos ocorreram entre povos e países do mundo todo em função da mudança de pensamento humano, principalmente, influenciadas pela supervalorização do capitalismo enquanto sistema econômico, político, e filosófico. No século XX o capitalismo chegou ao mais alto grau e a ciência e a técnica de produção em série necessitavam de novos mercados, gerando um alto índice de egoísmo e de competitividade entre as nações industrializadas. As descobertas e invenções científicas foram de tal forma valorizadas que se perdeu a noção do homem como ser transcendental (LUCKESI e PASSOS, 2004). Essa perda criou uma crise em todos os sentidos, principalmente social e a psicológica.

Além disso, no campo da filosofia e das ideias, a primeira Guerra Mundial, ao desenvolver nos indivíduos uma postura de descrença e de falta de perspectiva diante da vida, fez com que a filosofia que se desenvolveu nesse período refletisse esse mundo de incertezas e insegurança. Como ensinam Luckese e Passos (2004, p. 183) “A filosofia, é uma forma de compreender o mundo, que se elabora a partir das emergências de determinado período de tempo e determinado espaço geográfico e social”.

Na segunda guerra mundial, pelo que ocorreu nos campos de concentração, com a matança em série dos judeus, deficientes e idosos, os despeitos aos direitos do ser humano colocaram em xeque os valores da civilização e a vida se apresentou como absurda, enquanto a revolta passou a ser um elemento presente nas reflexões filosóficas, artísticas e literárias. As práticas filosóficas que surgem nesta época, nas palavras de Luckesi e Passos (2004, p. 215):

apresentam-se como uma forma de reação às emergências positivas ou negativas provenientes da ciência e como uma tentativa de compreensão da vida humana por demais complexa. Ela pretende servir de luz e orientação para o encontro do homem consigo mesmo. Nesse sentido, a intenção não é criar novos enfoques teóricos e dessa forma, velhas teorias são resgatadas; logicamente, adaptadas às novas exigências do momento.

Durante esses conflitos, o discurso filosófico diversificou-se e tomou várias direções, orientando-se ora para uma tendência espiritualista, de retorno à interioridade dos indivíduos, ora para uma tendência prática ligada à ação humana. Assim, a experiência filosófica variará entre uma postura idealista e outra materialista, originando-se delas várias doutrinas como o pragmatismo, o intuicionismo, a fenomenologia, o marxismo, o existencialismo, entre outras.

Dessa forma, para compreender o pensamento, o desenvolvimento e as transformações de um povo, de uma determinada época, é necessário considerar o espaço geográfico, a cultura, os valores presentes no pensamento daquele povo naquele período. Nesse sentido, percebe-se que são vários fatores que influenciam o pensamento humano. As constantes influências sobre o pensamento do homem e as concepções desse pensamento é que orientam suas decisões e atitudes.

Na área da educação muitos escritores foram influenciados por correntes filosóficas. Isso evidencia a importância de se estudar com maior profundidade esses pensamentos para compreender suas influências no campo da educação.

Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, teve como objetivo melhor compreender as correntes filosóficas fenomenologia e marxismo e analisar como essas correntes influenciaram os pensamentos de Paulo Freire.

Paulo Freire foi um educador de fortes argumentos, que muitas vezes se contrapôs ao que se pregava em muitos lugares. Muitos consideram um educador de difícil entendimento, mas sem dúvida é leitura indispensável a qualquer homem ou mulher que deseja compreender e ser melhor educador ou educadora.

Paulo Freire nasceu em Recife, foi professor de português. Entre 1947 e 1956 foi assistente e depois diretor de departamento de Educação e cultura do SESI/PE, onde desenvolveu suas primeiras experiências com educação de trabalhadores e seu método. Conforme Gadotti (1999) toda a sua obra é voltada para uma teoria do conhecimento aplicada à educação, sustentada

por uma concepção dialética em que o educador e educando aprendem juntos numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num processo de constante aperfeiçoamento.

Paulo freire é considerado um dos maiores educadores do século passado e atual. Conforme Gadotti (1999), sua principal obra, *Pedagogia do oprimido*, foi traduzida em 18 línguas.

Segundo Antunes (2008, p. 45) no começo de 1960, atormentado pelo analfabetismo que ainda mais marginalizava o povo nordestino, Freire criou um método de alfabetização para adultos, simples, mas revolucionário para o seu tempo. Mostrou que em menos de dois meses poderia alfabetizar trabalhadores adultos e, ainda, transformá-los progressivamente em leitores conscientes.

Com o golpe de estado de 1964, Paulo freire foi preso e considerado propagador de ideias subversivas. Ele permaneceu 70 dias detido. E depois resolveu partir para o exílio. Ainda, segundo ao autor, prestou assessoria educacional em Bolívia por algum tempo, depois viveu 5 anos no Chile, foi quando produziu algumas das suas principais obras. Nesse período exercia algumas atividades pedagógicas no México e nos Estados Unidos. Algum tempo depois foi consagrado professor na Universidade de Genebra, na Suíça, ganhou liberdade para desenvolver experiências pedagógicas na Ásia, Oceania, América Latina e, sobre tudo em cabo Verde, Angola, São Tromé e Príncipe e Guiné-Bissau. Como se vê seu período de Exílio foi dinâmico, mas foi sofrido. Nesse período desenvolveu o grande aprendizado de que grandes problemas da educação são de essência política.

O último período da biografia de Paulo Freire foi com a gradual democratização do País e seu retorno ao Brasil e, em 1980, quando se incorporou à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e de Campinas. Foi ainda Secretário Municipal da Educação em São Paulo de 1989 à 1991 e após esse período ainda escreveu várias obras. Paulo Freire venho a falecer em 2 de maio de 1997 (op cit, 2008).

Toda sua produção intelectual foi marcada pelos pensamentos oriundos da fenomenologia e do marxismo.

A concepção fenomenológica é considerada uma das grandes correntes filosóficas da contemporaneidade e teve relevante influência no pensamento europeu e, também, na América. Apesar disso, no entender de Luckesi e Passos (2004), existe uma acentuada tendência de interpretá-la como sendo um método, um instrumento de construção do conhecimento, que surgiu para fazer frente ao momento de crise cultural e espiritual que vivia a Europa nos fins do século XIX e início do XX. Ela é, de fato, uma forma de crítica ao cientificismo reinante naquele momento, ou seja, uma tentativa de superação das concepções empirista e racionalista, que entendiam ser o sujeito um ser distinto da realidade, separado do mundo.

Para Saviani (2008, p. 184)

[...] na Fenomenologia, existe uma íntima relação entre as coisas, entre o sujeito e o mundo. Ela parte do princípio de que não existe realidade sem sujeito, nem sujeito sem realidade. A fenomenologia resume-se, pois, a uma atitude mediante a qual o homem se volta para as coisas, para o mundo dado e passa a descrevê-lo tal como ele aparece à consciência de forma imediata. Essa atitude é possível em virtude da intencionalidade da consciência.

Essa relação entre as coisas, entre o sujeito e o mundo, é percebida nos pensamentos de Freire:

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. [...] Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. [...] Atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, “envolvendo-o”, condiciona sua forma de atuar. [...] Não há, por isto mesmo, possibilidade de dicotomizar o homem do mundo, pois que não existe um sem o outro (1983, p.17).

Percebe-se que estes princípios da fenomenologia muito influenciaram Freire, pois em seu pensamento é clara a preocupação de quebrar a ideologia empirista e racionalista que, de certa forma, separa o homem do mundo. Em

muitas de suas obras, ele se preocupa em ressaltar a íntima relação entre as coisas, o mundo e o sujeito, entre o objeto e a consciência.

Segundo Luckesi e Passos (2004) pela fenomenologia o fato de a essência das coisas estar no fenômeno não a faz igual a ele, pois a essência difere dele no sentido de não ser pura concreticidade, pois não está evidente nas coisas. Por outro lado, é a essência quem define o fenômeno, dando o seu real sentido, de modo que não se confunda com nenhum outro. Como se vê, a essência não está fora do fenômeno e sim nele próprio.

Para Saviani, (2008, p. 184) “contrariamente ao que é sugerido à primeira vista pela palavra, a fenomenologia não é uma ciência dos fenômenos, mas ciências das essências”.

Com isso, vemos que a fenomenologia possui uma intencionalidade, a consciência das coisas não acontece por acaso, ela é intencional e orienta para um determinado objeto. Existe uma correlação entre o objeto e a consciência, e o primeiro só será definido em relação à segunda. Só existe consciência de algo na relação sujeito-objeto. Ou seja, não existe consciência sem objeto, nem objeto sem uma consciência pra intuí-lo.

De acordo com Luckessi e Passos (2004) essa perspectiva se apresenta, assim como uma volta ao concreto, à realidade das coisas, mas principalmente, como uma busca da cientificidade para a filosofia, tida como a única atividade humana capaz de captar o fenômeno e sua essência.

Essas características citadas também aparecem no pensamento de Freire, quando coloca a filosofia como uma das únicas possibilidades de compreensão da realidade:

basta que estejam em jogo formas de conhecimento para que não se possa deixar de lado uma reflexão filosófica. O fundamental, porém, é que esta reflexão, de caráter teórico, não se degenere nos verbalismos vazios nem por outro lado, na mera explicação da realidade que devesse permanecer intocada. Em outras palavras, reflexão em que a explicação do mundo devesse significar a sua aceitação, transformando-se, desta forma, o conhecimento do mundo em instrumento para a adaptação do homem a ele (FREIRE, 1983, p. 16).

A busca pela cientificidade da filosofia é sem dúvida uma busca inquietante influenciada pela fenomenologia. Segundo Saviani (2008) Husserl, o idealizador da fenomenologia, pretendeu conferir à filosofia, o estatuto de ciência rigorosa. E quando analisados os pensamentos de Freire percebe-se essa preocupação de fortalecer a ideia da cientificidade de sua ideologia, argumento indispensável para sustentar sua concepção humanista. Freire cita:

[...] a propósito do aspecto humanista em que deve estar inspirado o trabalho de comunicação entre técnicos, num processo de reforma agrária, e camponeses. [...] Aspecto humanista de caráter concreto, rigorosamente científico, e não abstrato (op cit, 1983, p. 50).

De acordo com Luckesi e Passos (2004), na fenomenologia, a filosofia ultrapassaria a postura ingênua no conhecimento que percebe apenas os objetos. Ela passaria a entendê-los como entes que só existem para o sujeito pensante. A citação de Freire retrata essa ideia:

Uma tal reflexão, [...] desde que realmente crítica, nos possibilita a compreensão, em termos dialéticos, das diferentes formas como o homem conhece, nas suas relações com o mundo. Daí que se torne indispensável à superação da compreensão ingênua do conhecimento humano, na qual muitas vezes nos conservamos. Ingenuidade que se reflete nas situações educativas em que o conhecimento do mundo é tomado como algo que deve ser transferido e depositado nos educandos. Este é um modo estático, verbalizado, de entender o conhecimento, que desconhece a confrontação com o mundo como a fonte verdadeira do conhecimento, nas suas fases e nos seus níveis diferentes, não só entre os homens, mas também entre os seres vivos em geral (op cit, 1983, p. 16).

No humanismo de Freire o conhecimento deve contribuir para que o ser humano encontre a compreensão da realidade de forma crítica. Seu objetivo é a superação da ingenuidade do conhecimento muitas vezes tomado como algo transferível e depositável aos outros. E isso o aproxima da perspectiva fenomenológica, mas já dá sinais de aproximação, também, com pensamentos marxistas.

O marxismo, como ciência da realidade e como pensamento para ação, emergiu em meados do século passado, quando a economia burguesa

já estava cristalizada na sociedade urbano-industrial e quando a classe operária aparecia como um fenômeno novo constituído dentro da sociedade. (LUCKESI; PASSOS, 2004, p. 226).

Os princípios do marxismo alegam que o sistema assegura a divisão do trabalho e o surgimento de classe antagonica. De um lado, os donos dos meios sociais de produção e, do outro, os donos da força de trabalho. Os primeiros usufruem e os segundos executam. O trabalho torna-se uma mercadoria e é paga como tal. O executor desse trabalho, o operário passa a ser simplesmente uma peça na máquina capitalista, recebendo o mínimo necessário para manter-se vivo e continuar produzindo. Aliena-se do resto, da cultura, do lazer e do próprio produto do seu trabalho passando a trata-los como estranhos e com uma certa idolatria. Essa alienação atinge a sua própria consciência de ser humano.

A concepção marxista foi, por muito tempo, negligenciada e até explicitamente recusada em muitos países. Atualmente, ela tem sido largamente estudada e tem servido como recurso metodológico para desvendar as tramas sociais que constituem a realidade da sociedade em que vivemos; com consequências fecundas quer para as ciências, quer para a prática política.

O marxismo foi uma resposta necessária à compreensão da sociedade capitalista e à organização da classe operária no processo de emancipação do trabalho alienado. É uma teoria social que nasceu como forma de compreender e agir na prática das relações sociais, constitutivas da sociedade burguesa. Essa teoria surge da constatação da existência de contradições sociais que consistiam na existência e convivência de situações opostas, como classe dominante e dominada; patrão e operário, progresso e atraso, riqueza e pobreza, liberdade e escravidão, etc (op cit, 2004, p. 226).

Oliveira (2005) comenta que Marx [...] vê o Estado Capitalista como um órgão repressor que assegura às classes dominantes o seu poder de domínio e exploração sobre a classe trabalhadora. Dentro dessa ótica a educação é vista como um instrumento de dominação.

A influência do marxismo sobre o pensamento de Paulo Freire é demonstrada em vários escritos quando apresenta o antagonismo existente na sociedade capitalista. Sua preocupação é revelar os problemas gerados pelo abuso de poder existente quando há um opressor/oprimido. Há sempre a crítica as atitudes unidirecionais, como se pode perceber nestes pensamentos de Freire:

Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de Opressão “aceitam” fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto reside sua “convivência” com o regime opressor (FREIRE, 1987, p. 55)

As relações entre invasor e invadidos, que são relações autoritárias, situam seus polos em posições antagônicas. (op cit, p. 26)

O primeiro atua, os segundos têm a ilusão de que atuam na atuação do primeiro; este diz a palavra, os segundos, proibidos de dizer a sua, escutam a palavra do primeiro. O invasor pensa, na melhor das hipóteses, sobre os segundos, jamais com eles; estes são “pensados” por aqueles. O invasor prescreve; os invadidos são pacientes da prescrição. (op cit, p. 27)

Poderia ser elencada aqui uma infinidade de citações com “situações opostas”, polarizadas, conforme descrevem os princípios do marxismo, haja visto que, esta é uma das características mais presentes no pensamento de Paulo Freire.

De acordo com Luckesi e Passos (2004), o marxismo constitui-se em uma teoria materialista da sociedade, para a qual o mundo material exerce uma predominância sobre o mundo ideológico e no qual o movimento é a sua própria essência. A realidade não é o somatório de partes definidas e prontas, mas o processo de contínuo fazer-se; portanto, um materialismo dialético, em que a realidade, na sua dinâmica, só poderá ser tratada, também, de forma dialética.

Ao analisar pensamentos de Freire verifica-se que essa dialética marxista é uma grande influenciadora do pensamento do autor. Em diversos

momentos Freire preocupa-se em demonstrar a importância de entender a relação homem/mundo. O fato de o homem encarar o mundo natural já o torna um ser cultural. Diz Freire:

E porque são culturais as respostas que os camponeses estão dando a desafios naturais, não podem ser substituídas através da superposição de respostas, também culturais (as nossas), que nós estendemos até eles. (FREIRE, 1970, p. 22)

O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação (FREIRE, 1983, p.52).

Tais relações não são uma pura enunciação, uma simples frase. Envolvem um jogo dialético no qual um dos polos é o homem e o outro é o mundo objetivo, como um mundo criando-se (op cit, p. 52).

Conforme Oliveira (2005, p. 49) “Marx declara que só conhece uma ciência, a ciência da História. A História para Marx é obra de uma prática política, isto é, uma realidade produzida pela práxis e pela dialética”.

Freire sem dúvida evidencia a dialética como um princípio educativo entre o homem e o mundo. O homem é influenciado por aquilo que ele próprio faz, e o mundo influencia nas atitudes do homem.

Apesar de enfatizar o aspecto material, o marxismo não desconhece a existência do mundo ideológico, apenas o vê como consequência, ou seja, como reflexo das condições materiais. Nessa perspectiva, a infraestrutura – base econômica – é fator determinante da superestrutura – forma da consciência. Contudo, essa também é uma relação dialética na medida em que o marxismo reconhece, em dadas circunstâncias, “a força material das ideias”, ou seja, circunstância em que as ideias ganham “força material” e constroem a história.

Assim a teoria marxista caracterizou-se como um materialismo histórico que se manifesta como uma explicação do processo histórico a partir das relações de produção material da sociedade. A realidade social é explicada como dialética no sentido de ser uma construção humana que, ao mesmo tempo, condicionam a formação dos homens. Para Freire (1983, p.

14) “Não é possível, portanto, entender as relações dos homens com a natureza, sem estudar os condicionamentos histórico-culturais a que estão submetidas suas formas de atuar”.

O marxismo opunha-se ao materialismo mecanicista, que subestimava o lado criativo e consciente do homem hoje, ao afirmar que o homem era uma “tábula rasa” na qual a expectativa imprimia as suas marcas. Esse tipo de materialismo, desenvolvido no século XVIII, diverge do materialismo marxista, pelo seguinte fato: O homem não é um simples reflexo da estrutura social, mas um produto social, construído na prática histórica contraditória.

A crítica ao materialismo mecanicista, característica do marxismo, também está presente nos pensamentos de Freire.

Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação, Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1987, p. 33)

Essa citação demonstra a oposição ao materialismo mecanicista. Observa-se que Freire não considera o homem como uma tábula rasa. O treinamento e o adestramento são desprezados por ele. Percebe-se que ele critica as ideias de educandos tratados como vasilhas, e a memorização mecânica. Como se vê essa crítica é uma forte influência do marxismo

Para o materialismo marxista, a situação humana relaciona-se às condições sociais e principalmente econômicas. A mudança decorre do desenvolvimento das forças produtivas (técnicas e condições de produção). Elas constituem o que Marx denominou de infraestrutura, as quais

determinam e dão condições de explicação da superestrutura da sociedade (ideias políticas, jurídicas, filosóficas, criações artísticas, etc.), sendo assim infraestrutura e superestruturas interagem continuamente nesse processo.

Assim, a história não é o império das forças econômicas, mas a interação destas com as ideias humanas. Ideias que são fruto da atividade humana circunstancializada pelas condições materiais de vida. Como Marx afirmou, “a consciência não determina o ser social, mas o ser social determina a consciência” (BASBAUM in LUCKESI E PASSOS, 2004, p. 228). O ser social ou a existência tinham em Marx um sentido abrangente ao significar tanto o ambiente material quanto as ações e as realizações humanas, também defendidas pelo educador Paulo Freire.

Considerações finais

Fundamentalmente a filosofia é um grande instrumento de compreensão da realidade e do homem. Grandes pensadores foram influenciados pelas ideias historicamente construídas e a partir delas reconstróem e sintetizam novas ideias. A importância de compreender o mundo está, no próprio processo de compreender o mundo, e a partir disso poder transformá-lo.

Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação (FREIRE, 1983, p. 196).

Esse último pensamento deixa uma das maiores mensagens de Freire: o diálogo, o qual muitas vezes é esquecido nos sistemas educacionais. Muitas vezes trocado pela opressão, pelo mecanicismo. O que há de mal nisso, se temos hoje um desenvolvimento tecnológico e modernizado? Perguntaria um educador mecanicista. E Freire responderia:

A sociedade simplesmente modernizada, mas não desenvolvida, continua dependente do centro externo, mesmo que assuma, por mera delegação, algumas áreas mínimas de decisão. Isto é o que ocorre e ocorrerá com qualquer sociedade dependente, enquanto dependente. Por tudo isto, é preciso não confundir

desenvolvimento com modernização. Esta, sempre realizada induzidamente, ainda que alcance certas faixas da população da “sociedade satélite”, no fundo interessa à sociedade metropolitana (1970, p. 189).

Conforme o exposto, Paulo Freire autor de diversas obras importantes, foi fortemente influenciado pelas correntes filosóficas conhecidas como Fenomenologia e Marxismo.

Na fenomenologia a influência maior é o pensamento da relação entre mundo/sujeito/coisas, e a busca pela cientificidade da filosofia, afirmando que essa ciência seria capaz de dar as respostas claras e definitivas aos problemas do conhecimento.

Freire também foi fortemente influenciado pelo marxismo, pois em diversos pensamentos revela o antagonismo presente na sociedade capitalista, autora de grande parte dos problemas sociais do mundo. Outra característica nos pensamentos de Freire é a forte crítica contra a educação mecanicista e sua indignação manifesta contra a concepção do aprendiz como uma tabula rasa. Além disso, verificou-se que a concepção dialética, oriunda do marxismo, está presente em seus pensamentos, quando explicita em seus pensamentos que a realidade social é uma construção humana, a qual também influencia o homem em sua construção.

Referências

ANTUNES, Celso. *Piaget, Vigotsky, Paulo freire e Maria Montessori em minha sala de aula*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. 80 p. (Um olhar para a Educação).

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8ª Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p. (Coleção o Mundo Hoje). Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. _____ . *Pedagogia do oprimido*, 1970. 13ª ed. Rio: Paz e Terra, 1983.

LUCKESI, Cipriano C.; PASSOS, Elizete S.. *Introdução à filosofia: aprendendo a pensar*. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004. 245 p.

OLIVEIRA, Admardo Serafim de et al. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 189 p.

SAVIANI, Dermeval. *A Pedagogia no Brasil: História e Teoria*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. 255 p. (Coleção Memória da Educação).